

Intenções e reflexões teóricas para proposta de conexões na paisagem do cotidiano do Jaraguá

Intentions and theoretical reflections for proposing connections in the daily landscape of Jaraguá

Intenciones y reflexiones teóricas para propuesta de conexiones en el paisaje del cotidiano de Jaraguá

Isabela Sollero Lemos

Doutoranda, USP, Brasil
isabela.sollero@usp.br

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão individual sobre o conceitual teórico que irá permear a produção de ensaios propositivos a partir da interpretação dos impactos da construção do trecho norte do Rodoanel Mario Covas, no Distrito do Jaraguá, zona noroeste da cidade de São Paulo. Percebe-se a possibilidade de explorar relações territoriais em grandes escalas - metrópole, cidade, bairro - e em escala local - rua, pedestre. A nova forma que irá configurar o recorte de estudo com a construção do Rodoanel não é determinante, mas certamente potencializará ou limitará as ações da vida pública. Caberá entender como essa grande barreira poderá se converter em uma estrutura porosa do ponto de vista das conexões das dinâmicas formais, sociais e simbólicas do lugar. Espera-se que as interpretações e reflexões teóricas aqui colocadas sirvam como base para debate e proposta da equipe, e contribuam para a conscientização sobre a relevância pública da paisagem, em especial a partir de seus espaços livres de apropriação e potencialidade pública.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Cotidiano. Apropriação pública.

ABSTRACT

This work presents an individual reflection of the theoretical concept that will permeate the production of propositional essays from the interpretation of the impact of the construction of the northern section of the Mario Covas Rodoanel, in the Jaraguá District, northwest of the city of São Paulo. It is possible to explore territorial relations on a large scale - metropolis, city, neighborhood - and on a local scale - street, pedestrian. The new form that will configure the study cut with the construction of the Rodoanel is not decisive, but it will certainly potentiate or limit the actions of public life. In addition, it will be necessary to understand how this great barrier can become a porous structure from the point of view of the connections of the formal, social and symbolic dynamics of the place. It is hoped that the theoretical interpretations and reflections presented here serve as a basis for discussion and proposal of the team, and contribute to the awareness of the public relevance of the landscape, especially from its spaces of appropriation and public potential.

KEYWORDS: Landscape. Everyday life. Public appropriation.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión individual acerca del concepto teórica que impregnará la producción de ensayos proposicionales a partir de la interpretación de los impactos de la construcción de la sección norte del Rodoanel Mario Covas, en el distrito de Jaraguá, al noroeste de la ciudad de São Paulo. Es posible explorar las relaciones territoriales a gran escala - metrópolis, ciudad, barrio - y a escala local - calle, peatón. La nueva forma que va a configurar el recorte de estudio con la construcción del Rodoanel no es decisiva, pero ciertamente potenciará o limitará las acciones de la vida pública. Será importantecomprender como esta gran barrera puede convertirse en una estructura porosa desde el punto de vista de las conexiones de la dinámica formal, social y simbólica del lugar. Se espera que las interpretaciones y reflexiones teóricas aquí colocadas sirvan de base para el debate y la propuesta del equipo, y contribuyan a la consciencia sobre la relevancia pública del paisaje, especialmente desde sus espacios libres de apropiación y potencialidad pública.

PALABRAS CLAVE: Paisaje. Cotidiano. Apropiaación pública.

1 JARAGUÁ, INTENÇÕES E CONTEXTOS

Figura 1: Menina percebendo a paisagem.



Fonte: LEMOS, 2018.

Este trabalho trata das intenções de elaboração de uma proposta a ser desenvolvida em equipes para o território do Jaraguá como atividade acadêmica da disciplina Espaços Livres Públicos Coletivos Urbanos, do curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), no primeiro semestre de 2018. O objetivo é apresentar uma reflexão individual sobre o conceitual teórico que irá permear a produção das diretrizes propositivas, resultantes da experiência em sala de aula, de debates do grupo de alunos no geral, e da equipe responsável pela proposta, especificamente.

Os professores responsáveis pela disciplina, Eugênio Queiroga e Catharina Lima, com participações dos professores Hulda Wehmann, Leonardo Coelho, Caio Boucinhas, Vania Bartalini e Sylvia Dobry, propuseram que a discussão dos conceitos teóricos fosse estabelecida a um contexto específico, o Distrito do Jaraguá, na zona noroeste da cidade de São Paulo. A metodologia sugerida pelos professores abrange uma leitura ampla inicial das principais estruturas físico-territoriais e a definição por cada equipe de um subsistema para proposta mais focada, acompanhando o entendimento de Milton Santos (2012) de que o espaço é conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, em que um sistema só se concretiza através do outro, que só adquire valor dentro de um sistema mais amplo. Assim, ler uma parte que se constitui como totalidade representativa do todo.

A área de estudo encontra-se inserida em um contexto de contradições: altas densidades habitacionais e relevo movimentado, violência e sensibilidade, capital e pessoas, remanescentes importantes de mata primária e grandes estruturas impactantes como Rodoanel, piscinões e pedreiras. É também espaço de ação popular e disputas por moradia, ocupações e CDHUs que despejam seu esgoto no córrego, e riqueza de recursos hídricos (atualmente comprometidos), tendência homogeneizadora que se manifesta na desigualdade social e produção cultural rica com atitudes criativas nas espacialidades do cotidiano que caracterizam a “identidade noroeste”. Todo esse conjunto é atravessado por mirantes que descortinam a paisagem e se delimita por marcos importantes: de um lado a Serra da Cantareira e do outro o Pico do Jaraguá.

Figura 2: Marco na paisagem: Pico do Jaraguá.



Fonte: LEMOS, 2018.

Figura 3: Marco na paisagem: Serra da Cantareira.



Fonte: LEMOS, 2018.

Figura 4: Ocupação orgânica que permite riqueza de perspectivas e mirantes que descortinam a paisagem.



Fonte: LEMOS, 2018.

O recorte de estudo a ser trabalhado pela equipe abrange o entorno do trecho norte do Rodoanel Mario Covas, que começou a ser construído em 2012, após cerca de oito anos de controvérsias entre moradores, ambientalistas e poder público. O trecho norte começa na Av. Raimundo Pereira Magalhães (antiga estrada Campinas/São Paulo, SP-332) e termina na interseção com a rodovia Presidente Dutra (BR-116), e tem previsão para o término em julho de 2018. A área configura-se como um espaço urbano de distintos interesses e fragilidades, convertendo-se em objeto frequente de discussões no meio acadêmico e na sociedade em geral,

resultando diversas vezes em processos jurídicos. A via em construção se estabelece como barreira, como cicatriz urbana que fragmenta a paisagem, e com isso, o ecossistema e as dinâmicas sócio-espaciais existentes. Assim, percebe-se a possibilidade de explorar relações territoriais em grandes escalas - metrópole, cidade, bairro - e em escala local - rua, pedestre. Busca-se entender os impactos do Rodoanel e propor ações e elementos que possam contribuir para as conexões das dinâmicas materiais, sociais e simbólicas do lugar¹.

Figura 5: Construção do trecho norte do Rodoanel, e Serra da Cantareira à direita.

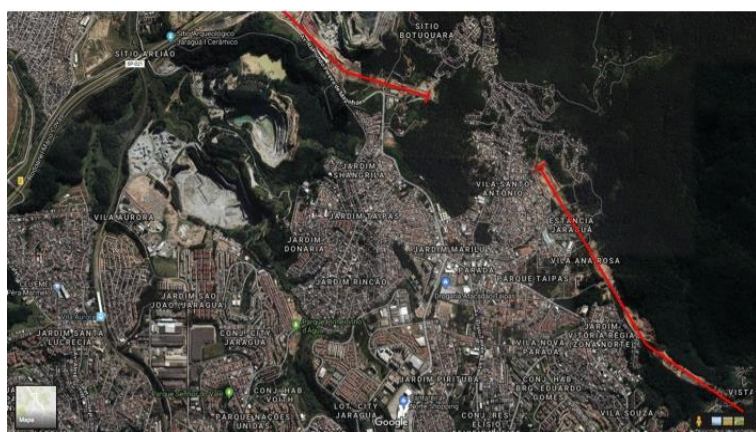


Fonte: LEMOS, 2018.

Desta forma, este trabalho apontará reflexões individuais que espera-se ser possíveis para contribuição do debate e proposta da equipe, a partir do conceitual teórico discutido em sala e territorializado no recorte de estudo, tal como a autora compreendeu o processo. É sabido que o tempo de desenvolvimento dos ensaios propositivos é curto em relação aos tantos desafios e contradições existentes no Jaraguá. Por outro lado, este caráter momentâneo permite o debate de urgências do lugar e o esforço de aproximação com a realidade local, na expectativa de proposição aberta e cheia de possibilidades de desenvolvimento. Assim, espera-se apontar caminhos para uma construção coletiva do que o Jaraguá pode ser, quais potenciais existem, na perspectiva de cidade como espaço democrático, ainda que desigual, imperfeito e em processo constante de transformação.

¹ Neste trabalho, o lugar é considerado como “subespaço da copresença” (QUEIROGA, 2012). Como subespaço, o lugar é uma área contínua do acontecer solidário, não em sentido ético ou emocional, mas na medida em que se trata da dimensão espacial da cotidianidade, necessária para a realização de tarefas comuns, ainda que o projeto dos diferentes agentes seja distinto (QUEIROGA, 2012 apud SANTOS, 2005). Assim, o lugar não tem existência própria. É apenas uma abstração se considerado fora do espaço total.

Figura 6 : Área de estudo e construção do Rodoanel e consequente fragmentação do território.



Fonte: Imagem satélite Google Earth, 2018.

Figura 7: Início de desenvolvimento do mapa da área de estudo: reconhecimento de elementos do suporte biofísico, equipamentos e instituições, e percepções sensíveis do lugar.



Fonte: Arquivo da equipe de trabalho, 2018.

2 JARAGUÁ, REFLEXÕES TEÓRICAS E CONEXÕES NO LUGAR

Apesar de comumente a periferia ser entendida como um dado de distância do(s) centro(s), neste trabalho ela será tratada como condição, estabelecida pelo diferencial de oportunidades e serviços urbanos ao alcance das populações (QUEIROGA, 2012). Entende-se que a condição periférica pode ser encontrada em distintas partes da cidade. Yvonne Mautner (MAUTNER, 2004 *apud* DEAK, 2004) afirma que a periferia "é um local mutante, sempre reproduzido em novas extensões de terra, enquanto velhas periferias são gradualmente incorporadas à cidade, ocupadas por novos moradores e reorganizadas pelo capital". Sendo assim, pensando no conceito de periferia como condição e como borda, e relacionando-o com a mancha urbana que é a Metrôpole, pode-se dizer que os processos de urbanização contemporâneos que vêm provocando o crescimento periférico não acontecem simplesmente pela complexidade dos centros urbanos. A ilegalidade na produção e na apropriação do espaço periférico não está à margem do sistema; pelo contrário, o torna viável a baixos salários, constituindo "contravenções sistemáticas"² (QUEIROGA, 2012). Assim, faz-se necessário entender a contextualização

² Expressão empregada por Maricato (1996) citando Schwarz (1991).

histórica de formação do recorte de estudo como periferia remanescente do processo de urbanização.

Neste sentido, vale lembrar a categoria marxista denominada “formação econômica e social”. Diferentemente da leitura de um sistema, que é uma estrutura de relações condicionantes que está no âmbito de uma abstração, a formação está ligada a processos, em um âmbito de realização concreta na história de um sistema – que pode evoluir, se transformar, mudar. A formação econômica e social não lê uma estrutura, e sim as bases históricas, os modos como se constituíram sociedades. Ou seja, formação enquanto processo histórico.

Nos anos 70, Milton Santos (1977) diz que a formação econômica e social não pode ser considerada apenas como um conjunto de relações sociais de produção. Ela é um conjunto de relações sócio-espaciais de produção. Desta forma, ele coloca o espaço num protagonismo do entendimento da formação social. O espaço deixa de ser visto como palco das relações sociais e passa a ser visto como parte indissociável das relações sociais³ (dentro de “social” engloba-se o econômico, político, cultural, ideológico, etc). O espaço tem valor ativo nas relações entre os diferentes atores sociais.

Milton Santos discute o conceito de espaço considerando-o como forma e sociedade. Neste sentido, espaço é uma instância social. A sociedade se faz por tal instância, através dos processos sociais e, ao contrário do raciocínio ortodoxo marxista, Santos acredita que além da economia, a política, a cultura, a ideologia criam um movimento dialético no qual caminhará a história da sociedade. Todos esses aspectos atravessam a sociedade e se revelam no espaço, configurando disposições espaciais carregadas de significados.

Trazendo a discussão para o território do Jaraguá, entende-se que existe uma história daquele espaço, uma formação sócio-espacial que se manifesta na desigualdade de relações diante dos capitais hegemônicos que não se interessavam por aquele espaço. No entanto, existem certas inércias espaciais que indicam aos atores hegemônicos aonde é mais conveniente atuar. Enquanto persistirem tais dinâmicas de inércia sem uma ação do Estado para inverter essa lógica econômica do espaço, o quadro se mantém. A imposição da construção do trecho norte do Rodoanel Mario Covas não parece organizar o espaço para um desenvolvimento autônomo da economia, cultura e sociedade do Jaraguá. A partir do entendimento de que os processos sociais se espacializam, quais serão os impactos desta grande infraestrutura nas dinâmicas do Jaraguá, principalmente nas conexões de paisagem e percursos à pé? Observa-se a urgência de estudos nesse sentido.

³ “A evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço, isto é, pelos dados que dependem diretamente da formação social atual, mas também das formações econômico-sociais permanentes” (SANTOS, 1977).

Figuras 8 e 9: “Rodoanel: Referência de agilidade, inovação e pioneirismo” – *slogan* do governo estadual.



Fonte: Site da DERSA, 2018. <http://dersa.sp.gov.br/empreendimentos/rodoanel-norte/#fotos>

Pode-se dizer que no campo da arquitetura e urbanismo comumente o espaço é reduzido à forma, possivelmente por ela ser o aspecto visível da materialidade do espaço. Tal redução é empobrecedora no sentido de que a forma é a dimensão ou a categoria que dá o valor ativo ao espaço, e esse valor é dado historicamente e estabelecido pela sociedade, dependendo das ações que ele é capaz de acolher. Assim, ler a forma não significa ler os processos. A nova forma que irá configurar o recorte de estudo com a construção do Rodoanel não é determinante, mas certamente potencializará ou limitará as ações da vida pública. Além disso, caberá entender como essa grande barreira poderá se converter em uma estrutura porosa do ponto de vista também da apropriação. Como se apreenderá a forma? Como se vivenciará a forma? Os lugares não recebem o novo sem resistência, mas se transformam.

A fragmentação pode ser compreendida como um mosaico de elementos e dinâmicas que se relacionam mal. A estrutura do Rodoanel, mesmo antes de finalizada a obra, já rompe e fragmenta a paisagem existente configurando-se como uma grande barreira naquele espaço e isolando a porção territorial mais próxima à Serra da Cantareira. Na perspectiva teórica, Milton Santos (1996) afirma que lugares, fatos ou elementos isolados são abstrações, e o que lhes dá concretude é a relação que mantém com os demais, ganhando assim maior força interpretativa. Só será possível entender o papel desses elementos no espaço correlacionando um elemento com o outro⁴. O processo analítico e interpretativo do espaço é sempre um processo onde é possível haver categorias de análise mas, ao estudá-las, é fundamental relacioná-las, porque caso contrário, tornam-se abstrações.

Sem a compreensão das relações, corre-se o risco de perda da noção do todo que pode conduzir a ações mais estreitas, ainda que mais profundas. Entende-se que a “divisão dos saberes”, especialmente para a interpretação de fenômenos sociais, não é um bom princípio de método. No entanto, Edgard Morin (2005) faz a ressalva para a possibilidade de cair no vazio das

⁴ Milton Santos (1996) estabelece uma série de “pares heterônimos”, que são categorias de análise complementares, e não antagônicas, que não existem isoladamente, e permitem compreender o espaço neste híbrido dialético.

generalizações de que tudo se relaciona com tudo. É importante não ler apenas as relações que existem, mas quais delas são estruturais, ou seja, aquelas que de fato caracterizam tal fenômeno. Além disso, existem gradações nessas relações, que serão mais fortes ou menos, incidindo de maneiras diferentes em cada território. Caberá investigar como se dão essas relações no recorte de estudo.

Alguns dos principais conflitos sócio-ambientais identificados na área são: fragmentação do ecossistema, falta de acessibilidade física, degradação decorrente do uso indevido de recursos naturais, erosão do solo e ocupação irregular. Entende-se o Rodoanel como grande barreira segregadora que atravança a superação de tais conflitos. A oposição dos moradores à construção desta via rodoviária demonstra consciência de direitos de cidadania e desejo por uma convivência digna no espaço urbano. A intenção do trabalho é realizar ensaios propositivos de ações e elementos que possam contribuir para a transposição e permeabilidade nos âmbitos material, social e simbólico do eixo do Rodoanel, repercutindo na re-conexão das dinâmicas da paisagem e no cotidiano das pessoas.

Para isso, é fundamental se aprofundar no contexto do Jaraguá, mas é fundamental também perceber as relações que se estabelecem com o entorno e, dessa forma, entender o Jaraguá e seu lugar e seu papel no contexto metropolitano. É imprescindível se adentrar e também se distanciar, e assim, conseguir ter a capacidade de olhar as relações do lugar para fora do lugar. Por isso, a natureza do objeto de estudo demanda a compreensão do espaço e fenômenos urbanos a partir de diferentes escalas de aproximação.

Figura 10 : Visita ao Quilombo da Parada.



Fonte: LEMOS, 2018.

"Aqui não tem saneamento básico nem energia elétrica regularizada. Transporte? Só lá embaixo."
- Juliana, fundadora do Projeto Cultura no Quintal do Quilombo da Parada.

Fazer uma leitura mais ampla de todo o sistema e suas principais estruturas físico-territoriais e encontrar o subsistema, a parte que se constitui como totalidade representativa do todo. As peculiaridades que surgem da constituição histórica, ambiental e de realidades políticas e

socioculturais únicas estão reveladas no recorte de bairro, mas ainda sim, permitem aproximações com bairros do entorno. Acredita-se que as relações metropolitanas de produção e práticas sociais se quebram e são recriadas nas periferias. Na escala mais aproximada, do pedestre, as capacidades de resistência, os tempos e as singularidades de cada lugar são claramente reconhecíveis e distinguíveis nas espacialidades do cotidiano. Sendo assim, após a problematização do tema, se avançará e se arriscará em ensaios propositivos mais focais, de conexões entre espaços do cotidiano e potencialidades ampliadas em função de uma qualificação dos espaços livres como espaços de liberdade e como reserva de imaginação (BARTALINI, 2010 *apud* QUEIROGA, 2012).

Milton Santos ressalta que o lugar deve ser compreendido levando-se em conta a totalidade do processo, e a realidade global também precisa ser entendida através das diferenças regionais (SANTOS, 1978). Quando afirma que "a metrópole paulista só pode ser entendida no contexto de um país subdesenvolvido industrializado" (SANTOS, 1990), o autor mostra a impossibilidade de abstrair o lugar do contexto, e que especificidades referentes a tempos e lugares diferentes são indispensáveis para sua compreensão.

Desta forma, percebe-se que procedimentos distintos de pesquisa são necessários para responder e possibilitar estudos na área da paisagem. Propõem-se o diálogo com a área de estudo articulando teoria com empiria, leitura com interpretação, singularidades com generalidades. A estrutura da disciplina possibilitou oportunidades de encontros com moradores e sensibilização dos alunos com oficinas e discussões aprofundadas na temática de processos participativos na busca pela construção coletiva da paisagem⁵. A inserção dos pesquisadores no contexto favorece que a leitura seja verificada a partir do conhecimento próprio do lugar sem conceder explicações homogeneizantes, e permitindo que surjam bases para interpretações mais aprofundadas das particularidades mostradas sob perspectivas de seus condicionantes e repercussões específicos, mas considerando-as parte do quadro geral metropolitano.

A paisagem, enquanto expressão de uma sociedade, é reveladora de seus costumes e características sociais, e é resultado dinâmico da interação entre processos sociais – econômicos, culturais e políticos – e processos naturais. Está sempre em constante modificação, sendo resultado da junção, no tempo e no espaço, do homem e do seu ambiente (MAGNOLI, 1982 *apud* QUEIROGA, 2006). Pergunta-se, então, quais os impactos do Rodoanel sobre o cotidiano dos moradores do Jaraguá, especialmente daqueles situados na porção norte desta via? Como será a paisagem resultante dos processos que envolvem sua construção? Que tipos de conexões entre espaços livres propor, ampliando as potencialidades do lugar em função de tal qualificação? Essas inquietações emergiram a partir do momento em que se propôs ver as

⁵ Catharina Lima e Caio Boucinhas ressaltam a importância da prática pedagógica quando atores sociais distintos aprendem mutuamente. "Por sua vez, a participação verdadeiramente democrática da população em processos de projetos que vão afetar diretamente seu cotidiano, com suas contradições e dissensos, é de fundamental importância para o exercício e a consolidação da esfera pública" (LIMA, BOUCINHAS, 2013).

possibilidades paisagísticas do lugar desde o ponto de vista de quem ali vive, reconhecendo seu papel de agente participante da própria paisagem. De acordo com Garret Eckbo (ECKBO, 1969 *apud* LIMA, 2004), “a essência da qualidade paisagística não se encontra nem na paisagem em si, nem nas pessoas, mas na natureza das relações que se estabelecem entre elas”. Tal sensibilidade será adotada para as discussões e ensaios propositivos no intuito de possibilitar condições para fruição e apreensão da paisagem por quem a vivencia.

Segundo Queiroga (2012), as paisagens se constituem em elemento identitário público de diferentes grupos sociais, com significados distintos para cada um, seja na escala dos lugares e das regiões, seja de maneira mais abstrata e simbólica, na escala do território nacional. O autor afirma que “a paisagem é parte do cotidiano de todos, mas não é, a todo momento, objeto de atenção das pessoas, visto que na vida cotidiana nem sempre se está em condições ou mesmo com interesse para observá-la” (QUEIROGA, 2012). Também nesse sentido, Arnold Berleant (2011) desenvolve a noção de “apreciação estética ambiental”, e coloca que “os valores no nosso ambiente expandem-se quando alargamos a nossa sensibilidade e atenção e já não restringimos a apreciação a ocasiões especiais”⁶. Acredita-se que a proposta da equipe contribuirá para a conscientização sobre a relevância pública da paisagem, em especial a partir de seus espaços de apropriação e potencialidade pública.

Figura 12: Lugar até onde chegam transporte escolar e coleta de lixo, próximo ao Rodoanel, restringindo acesso dos moradores à norte do eixo rodoviário.



Fonte: LEMOS, 2018.

Figura 13: Casas, delicadezas e paisagens.



Fonte: LEMOS, 2018.

⁶ “Logo, as coisas que fazemos fazem-nos a nós.(...) Dentro e fora, consciência e mundo, seres humanos e processos naturais não são pares de opostos, mas aspectos da mesma coisa: a unidade do ambiente humano.” (BERLEANT, 1997).

Figuras 13 e 14: O relevo transforma os lotes em mirantes, com lajes e janelas direcionadas para a paisagem marcante e simbólica do lugar.



Fonte: LEMOS, 2018.

3 JARAGUÁ, DEVANEIOS FINAIS E CAMINHOS ABERTOS

É comum discutir sobre a importância da interdisciplinaridade na busca pelo conhecimento do todo. A partir de outros referenciais teóricos (especialmente a geografia, a filosofia e a sociologia) se pode compreender mais profundamente o espaço do homem. E para compreender o espaço do homem, da esfera pública geral⁷, se faz necessário apoiar-se em diversas ciências. Tal interdisciplinaridade vem especialmente do olhar do arquiteto, que precisa adotar uma postura humilde de aceitar que “sua ciência” pode não ter todas as respostas. Elas podem vir de outras ciências igualmente importantes, e principalmente, da vivência de quem habita o lugar. A fragmentação dos saberes é também uma perspectiva política, de interesse a um movimento de perda da noção do todo. No entanto, será possível compreender territórios e culturas através do pensamento cartesiano?

No contexto periférico, cria-se padrões de tecido irregular como resposta a situações residuais impostas por condicionantes naturais (como o relevo e a hidrografia) e principalmente por um sociedade regida pelo capital, com um Estado que busca controlar a forma urbana, mas é seletivo em sua atuação, deixando grande parte do território periférico com regulamentações mais generalistas e distantes, seja por questões econômicas, políticas e/ou culturais.

⁷ Queiroga (2012) define como “esfera pública geral” toda a vida em público, de maneira ampla, incluindo suas manifestações em espaços de acesso e visibilidade públicos, sejam eles propriedades públicas ou privadas (p. 258).

O papel dos arquitetos⁸ diante dos processos de urbanização começa pelo reconhecimento do valor das relações ali existentes, que foram se construindo de acordo com regras próprias, e possibilitam, bem ou mal, suprir as necessidades e desejos da população. Assim, muito além de impor soluções técnicas e consolidadas, espera-se que o ensaio propositivo da equipe seja aberto, no sentido de promover discussões e possibilidades inspiradoras de questionamentos. A partir da problematização do tema, se arrisca no propositivo como reflexão.

A abordagem em sala lembra a importância do papel da academia no rompimento da linearidade na organização investigativa através da permeabilidade constante entre teoria e prática, que permite o avanço na produção de reflexões e projetos mais conscientes e enraizados na realidade. Segundo Paulo Freire (1997), “por isso mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante de ação” (FREIRE, 1987, p. 125).

A aproximação com a área de estudo sugerida no programa da disciplina também foi fundamental para perceber tanto a multiplicidade dos processos de consolidação de sua forma, quanto as coletividades que constroem material e simbolicamente aquela paisagem urbana. A partir da experiência do lugar, do esforço de olhar com outros olhos e distintos pontos de vista, a leitura das transformações da forma e dos espaços criados poderá gerar proposições que potencializem a vida pública daquele tecido.

Ter espaços livres públicos de qualidade é um direito. Existem necessidades que são centrais, comuns a todos os seres humanos, como comer, se comunicar, se deslocar, etc. O que muda são as prioridades de cada um e, quando se trata de espaços públicos surge um grande desafio: como chegar a um consenso dessas prioridades para toda uma cidade? A cidade, em especial seus espaços livres públicos, é tudo, menos um consenso! É um palco de lutas que participa ativamente nos conflitos entre os diferentes atores sociais (SANTOS, 1977).

A questão é: como eu me cultivo? Como eu re-significo a forma como eu olho para minha cidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, H. **A condição humana** [1958] 5. Ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

⁸ Desde o ponto de vista da formação profissional, a matriz vista hoje, especialmente nas escolas privadas, esvazia a possibilidade de reestruturar sua própria condição de arquiteto e urbanista. A formação adequada aos padrões do mercado disponível rompe com a relação entre o curso e seu conteúdo, já que o que interessa em muitos casos é a disponibilidade do arquiteto como servidor de práticas sem a necessária reflexão técnica ou mesmo ética, pois a falta de formação ampla e crítica. O aprisionamento na burocracia das normas mascara a real questão: o esvaziamento da formação amplifica o esvaziamento do país como autonomia tecnológica e científica, e afasta a possibilidade dessas gerações, como formação técnica e política, das decisões nacionais e das potencialidades de transformação histórica.

ANGILELI, C.M.M., SANDEVILLE, E. **Uma experiência de estudo colaborativo de paisagens na Brasilândia, SP.** Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/paam/article/viewFile/77865/81840> >. Acesso em 01/06/2018.

ASSUNTO, R. **A paisagem e a estética.** In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

BERLEANT, A. **Estética e .** In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

BOUCINHAS, C.; LIMA, C. **Parque Pinheirinho D'água: a luta por reconhecimento e visibilidade.** PÓS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP/ Universidade de São Paulo, v.20, n.34, p. 12-34, 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1990.

ECKBO, G. **The landscape we see.** Nova York: McGraw-Hill, 1969.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa** (1962). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HELLER, A. **O Cotidiano e a História** [1970]. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2004.

----- **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace . 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

LEITE, M. A.. **As tramas da segregação: privatização do espaço público.** 1998. 91 p. Tese (Livre-Docência em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

LIMA, C. **Natureza e cultura: O conflito de Gilgamesh.** Paisagem e Ambiente: Ensaios, São Paulo, p. 07-57, 2004.

LIMA, C.; QUEIROGA, E.F.; GONÇALVES, P.C. **Processos participativos e universidade. Balanço de uma experiência em disciplina de paisagismo.** Paisagem Ambiente: ensaios - n. 24 - São Paulo - p. 89 - 98 – 2007.

MAGNOLI, M. **Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana.** Tese (Livre-docência - Área de Concentração: Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1982.

MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

MAUTNER, Y. **A periferia como fronteira de expansão do capital.** In: DEAK, C.; SCHIFFER, S. (orgs.). O processo de urbanização no Brasil. São Paulo: Edusp, 2004.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Tradução: Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.



PICKVANCE, C. **Four Varieties of Comparative Analysis**, *Journal of Housing and the Built Environment*, Kent, v.16, n.1, 7-28, 2001.

QUEIROGA, E. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e razão comunicativa**. 2001. 351 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

----- **Dimensões públicas do espaço contemporâneo: resistências e transformações de territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. 2012. 351 p. Tese (Livre Docência - Área de Concentração: Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

REIS, N. **Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2006.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

----- **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

----- **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

----- **Da totalidade ao Lugar**. EDUSP. São Paulo, 2012.

SÃO PAULO (Prefeitura). **Lei nº 16.402, de 22 de março de 2016**. Disciplina o parcelamento, o uso e a ocupação do solo no Município de São Paulo, de acordo com a Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014 – Plano Diretor Estratégico (PDE).

SERPA, A. **Espaço Público na Cidade Contemporânea**. Ed. Contexto. São Paulo, 2007.

WEHMANN, H. **A pesquisa qualitativa fenomenológica: olhos para ver a criatividade cotidiana**. RISCO (SÃO CARLOS), v.14, p. 56-66, 2016.

SITES

DERSA (Desenvolvimento Rodoviário S/A). Disponível em

< <http://dersa.sp.gov.br/empreendimentos/rodoanel-norte/#fotos> >. Acesso em: 01/06/2018.